



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## **CORREIO DE CAMPINA: UMA ANÁLISE IDENTITÁRIA SOBRE CHRISTIANO LAURITZEN (1914-1915) <sup>56</sup>**

<sup>57</sup>Viviane Carneiro de Oliveira, mestranda do Programa do PPGH – UFCG (CAPES).  
*vivioliveira@hotmail.com*

Dr. José Otávio Aguiar, professor do departamento de História – UFCG. *otavio.j.aguiar@gmail.com*

### **RESUMO**

Vivia-se o começo de uma modernidade no Brasil, no século XX, em especial na cidade de Campina Grande – Paraíba. O espaço físico – a cidade –, ou o corpo urbano, era o palco das transformações no moderno. Dentro dessa modernidade, percebe-se mudanças significativas na esfera do cotidiano, na política e nas suas relações sociais. Christiano Lauritzen (1923 - 1946) tendo nascido em Thy, Boddum no Reino da Dinamarca estabeleceu-se inicialmente em Campina Grande, Paraíba. A construção da identidade de cada indivíduo exige um certo cuidado em sua análise. Buscamos compreender como o dinamarquês Christiano Lauritzen construiu a sua identidade como prefeito de Campina Grande entre 1914 e 1915, destacando a relevância do estudo do cotidiano para essa construção, não um cotidiano qualquer, mas sim um cotidiano essencialmente moderno. A partir do jornal o *Correio de Campina*, vamos mostrar o trabalho do prefeito e sua busca em melhorar os espaços físicos da cidade, bem como as suas relações com a sociedade de Campina, a qual muitas vezes negava-se a aceitar plenamente um gringo como governante municipal. São esses conflitos que vão permear a trajetória política do Christiano Lauritzen, conflitos tais que não se restringem apenas à esfera política da sociedade, mas também com outros indivíduos que estão fora desse

---

<sup>56</sup> De acordo com José Joffily, a maioria dos autores que se ocuparam em sua biografia cometeram equívocos. Baseado em documentos brasileiros recebidos da Dinamarca, Christiano Lauritzen nasceu em Thy, Boddum, e não em Alheir, no Reino da Dinamarca, como está registrado na certidão da Diocese de Campina Grande. Ainda de acordo com José Joffily, ele nasceu em 10 de novembro de 1846; Seus pais são Laurids Nielsen Kirk e Maren Christensdatter.

<sup>57</sup> Gazeta do Sertão – 21-11-1890.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

âmbito. Discutiremos ainda as estratégias do seu discurso político perante à sociedade, considerando-o como um meio de se obter e garantir o seu poder como prefeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Modernidade; Trajetória política; Cotidiano.

Vivia-se o começo de uma modernidade no Brasil, no século XX, em especial na cidade de Campina Grande – Paraíba. O espaço físico – a cidade –, ou o corpo urbano, era o palco das transformações no moderno. Dentro dessa modernidade, percebe-se mudanças significativas na esfera do cotidiano, na política e nas suas relações sociais. Christiano Lauritzen (1923 - 1946) tendo nascido em Thy, Boddum no Reino da Dinamarca estabeleceu-se inicialmente em Campina Grande, Paraíba. Vivendo em terras campinenses como comerciante, vendendo joias<sup>58</sup>, Christiano estabeleceu-se na política ao casar com a filha de um importante membro da elite local, Elvira Cavalcanti de Albuquerque, filha de Alexandrino Cavalcanti de Albuquerque. De acordo com Rau Ferreira em *Relatos de Campina*:

Após perder a cadeira de Deputado Estadual e ser destituído da chefia do Conselho da Intendência em Campina (1890/1892), foi eleito prefeito em 1904, permanecendo no cargo até 1923, ano de sua morte. Nessa época, o subprefeito era Manuel Cavalcante Belo e o delegado de Polícia o major Lino Gomes da Silva (FERREIRA, 2012).

Durante seu tempo como prefeito, fundou o jornal *Correio de Campina*. Há divergências sobre o real objetivo da criação do jornal na época, muito provavelmente foi uma ferramenta criada com o objetivo de se contrapor ao seu ferrenho adversário político, Irineo Joffily, o qual fazia frente aos ideais e propostas de Christiano no jornal *A Gazeta do Sertão*. Joffily com frequência se referia à Christiano como o *Gringo*. De acordo com José Joffily em seu livro *Entre a Monarquia e a República – Ideias e Lutas de Irineo Joffily*, Christiano:

“Chegou ele em Campina Grande com 34 anos e principiou a vida, segundo Irineo Joffily, “vendendo ouro falso”<sup>59</sup>. Jóias verdadeiras ou de fantasia, o

<sup>58</sup> CORREIO DE CAMPINA, 14 de março de 1915, nº12.

<sup>59</sup> CORREIO DE CAMPINA, Nº 6, 1913





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

fato cristalino é que o dinamarquês, de pais muito pobres e de rudimentar instrução, levou dois anos como ladino vendedor ambulante de quinquilharias até conhecer e casar-se com a filha de Alexandrino Cavalcanti, o mais próspero comerciante e maior proprietário de terrenos urbanos remanescentes de antiga fazenda”. (José Joffily, 1982, p.135).

E ainda continua:

“Meio surdo, mas dotado de lábia cativante e desmedida ambição, em pouco tempo assumia a liderança da tradicional família cujo prestígio se fortaleceria por longo tempo depois que Epitácio Pessoa se projetou no cenário nacional.” (Joffily, p.135 – ibidem).

Em contraponto à visão negativa dos partidários de Irineo Joffily, Elpidio de Almeida em seu livro *História de Campina Grande*, demonstrava apreço pela jornada apaixonada do prefeito:

“Naturalizado brasileiro, casado em família com influência na política local, foi sem se sentir levado a tomar parte nos assuntos da administração pública, a interessar-se pelos problemas da comuna, vindo a concorrer apaixonadamente para o desenvolvimento da terra a que se ligara.

(ALMEIDA, 1978).

Uma análise mais clara dos eventos da época em Campina Grande certamente pode ser feita sob à ótica de Michel de Certeau e a sua história do cotidiano. Em seu livro *A invenção do cotidiano*, Certeau nos mostra a relação entre os mecanismos de poder com a vida social, podendo ser mudados através de estratégias e táticas dos indivíduos, considerando aqui as táticas como “*continuidades e permanências*”. Essas ações dos indivíduos ou suas “maneiras de fazer”, “*constituem mil práticas pelas quais os usuários se reproporiam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural*” (CERTEAU, 1994, p. 41), ele ainda enfatiza que todo tipo de ação está diretamente relacionada com o social. São justamente essas táticas que são explícitas no *Correio de Campina*, principalmente nas que estão inseridas na lógica dos mecanismos de poder.

O estudo de periódicos como fonte histórica é recorrente e importante, ainda nos tempos atuais. De acordo com Roger Chartier, em seu texto “*O mundo como representação*”, ao escrever o tópico “*Mundo do texto e Mundo do leitor: a construção do sentido*”, ele analisa a metodologia das pesquisas históricas, a qual passa pelos





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

estudos dos textos (literários ou não) entrelaçando-se com a análise das práticas e símbolos, cada uma com significações próprias, exigindo assim análises também diferenciadas. Ao estudar o Antigo Regime, Chartier destaca a importância dos jornais impressos: “A circulação multiplicada do escrito impresso modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou as relações de poder”. (CHARTIER, 1998, p.178). Assim, percebemos que o jornal aqui analisado foi largamente utilizado como ferramenta na construção do poder, nos fornecendo reflexões acerca os pensamentos e práticas existentes no cotidiano da sociedade no começo do século XX.

O jornal aqui analisado, o *Correio de Campina* foi criado em 1911 e durou até 1932, tendo como proprietário e diretor o cel. Christiano Lauritzen. Grande parte do jornal não está mais disponível, contudo, pode ser encontrado no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), o qual digitalizou 3 anos do jornal, de 1913 até 1916. A estrutura do *Correio de Campina* é fixa, o período contém quase sempre quatro páginas, três de notícias cotidianas e uma de propagandas de estabelecimentos que patrocinaram o jornal. A manchete é quase majoritariamente sobre um assunto envolvendo Campina Grande ou a Paraíba, geralmente a primeira página é dedicada aos assuntos políticos campinenses, envolvendo os partidos walfredistas e epitacistas. O jornal é declaradamente epitacista, inclusive Christiano Lauritzen era o chefe do partido conservador em Campina Grande, sendo um grande aliado de Epitácio Pessoa. Além disso, o jornal possui um espaço cultural, onde podemos ver poemas ou contos, geralmente de membros da redação do jornal, a exemplo do major Lino Gomes, também delegado da polícia de Campina Grande. As notícias sobre a Paraíba como um todo são bastantes presentes no jornal, inclusive notícias de outras cidades do estado também ganham espaço no jornal, relatos de crimes, de júris, seca, manifestações, cotação do comércio, situações das escolas e da educação campinense, sobre o andamento primeira Guerra Mundial, dentre outras notícias.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

São nas relações cotidianas que construímos a identidade individual e coletiva, num processo simultâneo, bem como as representações que dão sentido à vida humana. De acordo com Roger Chartier,

[...] podem-se formular várias proposições que articulam de maneira nova os recortes sociais e as práticas culturais. A primeira alimenta a esperança de levantar os falsos debates em torno da divisão, dada como universal, entre as objetividades das estruturas (que seria o território da história mais segura, que, ao manipular documentos maciços, seriais, quantificáveis, reconstrói as sociedades tais como verdadeiramente eram) e a subjetividade das representações (a que se ligaria uma outra história dedicada aos discursos e situada à distância do real) (CHARTIER, p.12, 1998).

Sendo assim, é interessante analisar os dois lados da história, uma vez que pode existir diferentes interpretações e representações de um determinado fato. No caso da identidade e a realidade em que está inserida, ela é – “contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade” (CHARTIER, 1998) – ou seja, dos grupos que são detentores do poder e como representantes disto, acabam moldando a existência da sociedade, comunidade ou classe. Nesse sentido, de um lado temos a perspectiva de Irineo Joffily, inimigo declarado de Christiano Lauritzen e que através da *Gazeta do Sertão*, buscava desconstruir a personalidade política do prefeito. José Joffily (1980) – salienta esse fato quando elabora sua própria imagem de Christiano:

Proprietário da mais importante loja da cidade – a Casa Inglesa – que desempenhava papel de banco chegou a emitir – como “valores” – papel-moeda, sob pretexto de “falta de troco”. [...] A incompatibilidade de Christiano – reacionário até a medula – com Irineo Joffily logo se tornaria tão visceral quanto a da República com a escravidão (JOFFILY, p. 136).

Nessa linha de pensamento, Chartier orienta a ter cuidado com as diferentes representações: “Uma relação decifrável é portanto postulada entre o signo visível e o referente significado — o que não quer dizer, é claro, que é necessariamente decifrado tal qual deveria ser” (CHARTIER, p. 13). Assim, essa relação da representação é entendida como uma imagem presente e um objeto ausente, de forma que ao analisar a





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

história de Christiano Lauritzen, temos duas imagens suas, a construída por ele próprio (sua identidade) e a construída por outros, no caso, a de Irineo Joffily. Em ambos os casos, no presente momento da nossa análise, temos essa *imagem ausente* o que acaba por abrir caminhos às diversas interpretações de quem realmente foi Christiano, ou se ele estava agindo, de acordo com o seu jornal, corretamente e para o desenvolvimento de Campina ou, se seria como seus opositores afirmam: *reacionário até a medula!*

Os seus esforços como prefeito em melhorar as condições estruturais da cidade também fica evidente nas edições do seu jornal. Após adoecer de uma cistite crônica por hipertrofia da próstata, Lauritzen foi internado no hospital pernambucano. Com base na notícia que foi manchete do *Correio de Campina*, intitulada “O Hospital Portuguez de Beneficencia em Recife”, vê-se elogios feitos ao hospital, o qual contava com aparelhos modernos, era bem higienizado, contando com amplos espaços confortáveis e bom atendimento das enfermeiras e dos médicos. Nas palavras do prefeito, o hospital possuía: “(...) os elementos mais mais poderosos e eficazes para combaterem os soffrimentos humanos, especialmente aquelles que dependem mais ou menos de intervenção cirúrgica”. Christiano faz uma descrição minuciosa do tratamento que recebeu e logo de início e rebate um antigo medo do povo: o medo dos hospitais.

“Todos reconhecem esta verdade; entretanto, ha ainda entre nós certa prevenção, quasi pavor, que demora o recolhimento dos molestados ao hospital, considerado antigamente o derradeiro refugio dos desherdados da fortuna e amparo. (...) “e provam as consequencias funestas que ha em nao se recorrer imediatamente a elles”<sup>60</sup>.

Ou seja, aliado ao pensamento moderno, Christiano espera convencer o leitor dos benefícios das novas formas de se tratar doenças, ficando claro a existência de um ideal racional e outro irracional na cidade, como proposto por Giscard Agra, que são dualidades constantes nas pretensões do moderno em Campina Grande. Pretensões tais que se efetivadas, mudariam por completo o espaço e o cotidiano da cidade.

A construção de uma identidade, de acordo com Sandra Pesavento, é “uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento” (PESAVENTO, 2003, p.89.) Essa ideia de pertencimento, ou

<sup>60</sup> CORREIO DE CAMPINA, Nº 6, 1913.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

melhor, a busca por esse pertencimento é notório na figura de Christiano Lauritzen, o “gringo”, que apesar dos feitos pela cidade, ainda era visto com desconfiança pelos campinenses natos, a exemplo de Irinêo Joffily. Daí podemos entender um pouco mais da criação do *Correio de Campina*, como um meio onde Christiano pudesse expressar livremente os seus ideais, livre de críticas e preconceitos.

De acordo com Stuart Hall (1998), a construção da identidade dos indivíduos perpassa sua formação enquanto sujeito. Este, divide-se em três formas: o sujeito do Iluminismo, o sujeito Sociológico e o sujeito pós-moderno. Cada um desses três tipos de sujeito está relacionado com a própria mudança do cotidiano na vida do homem, de forma que o primeiro tipo de sujeito é caracterizado como aquele “ser humano autônomo, único, centrado, unificado e coerente” (MOCELLIM, P.11), enquanto que o sujeito sociológico é aquele que não era de todo autônomo, individual, mas sim moldado pela sociedade em que estava inserido, ainda que preservasse em parte um pouco da sua individualidade. São esses dois tipos de sujeito que por ora nos interessa neste trabalho.

Analisando o desenvolvimento da própria sociedade e tendo em vista esses dois conceitos de sujeito proposto por Hall, percebemos que Christiano Lauritzen insere-se na caracterização do sujeito Sociológico (HALL, 1998), uma vez que sua própria identidade construía-se cotidianamente na Campina Grande moderna, é uma construção que não pode ser dissociada uma da outra, apesar da sua individualidade, ou seja, a identidade e sociedade estão intrínsecas uma na outra, e isso fica mais evidente quando se analisa a construção de identidades políticas, dotadas de poder e capacidade de transformar ideias e espaços

Além dessas perspectivas, Zygmunt Bauman (1998) nos esclarece mais a fundo sobre as identidades modernas. Ele considera que antes dessa modernidade, o indivíduo não poderia escolher quem se desejava ser. Cada indivíduo nascia com um status na sociedade e dificilmente um esforço individual mudaria isso. Contrariamente a esse tipo de pensamento, a modernidade privilegiou esse esforço individual, como forma de crescimento e realização social:





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme oposição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida exuberante e sólida identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo (BAUMAN, 1998, p. 30).

É, precisamente, o que aconteceu com Christiano Lauritzen. Seu esforço individual, primeiro como comerciante num país e numa cidade de interior desconhecidos, com outra língua e outra cultura e depois como prefeito da cidade, por 19 anos. Contudo, mesmo com seu esforço, devemos considerar as condições e as facilidades que ele teve, a exemplo do casamento com a filha de um membro da elite local, o que mostra que nem todos os traços de uma época anterior à modernidade deixaram de existir por completo. Essa identidade era algo a ser continuamente mantida, e sua construção:

Requeria uma clara percepção da forma final, o cálculo cuidadoso dos passos que levariam a ela, o planejamento a longo prazo e a visão através de consequências de cada movimento. Havia, assim, um vínculo firme e irrevogável entre a ordem social como projeto e a vida individual como projeto, sendo a última impensável sem a primeira (BAUMAN, 1998, p.31).

Uma vez alcançado o ideal desejado da identidade, não havia mais a possibilidade de mudá-la, isso era uma perspectiva além da proposta da modernidade, considerando que esse projeto foi de eliminação da ambivalência. Permitia-se sim, uma construção nova, mas uma vez alcançada, mudá-la estava fora de questão. Ainda de acordo com Bauman, qualquer identidade que não fosse definida, clara, passava a ser considerada um problema. Nesse sentido, Christiano Lauritzen teve êxito, porém, constantemente precisava provar-se perante a sociedade e o meio usado para isso era o seu jornal.

De acordo com a edição de 9 de fevereiro de 1913, nº6, num artigo intitulado “Direito dos Maiorais”, observa-se a “crítica à crítica” do estrangeirismo de Christiano Lauritzen. O conteúdo do artigo esclarece sobre as divergências entre o partido Liberal e o partido Conservador.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

O primeiro partido era constituído em sua maioria pelas famílias tradicionais da Parahyba, as famílias que formavam as oligarquias. Nesse ponto, o artigo cita:

Sendo a grande maioria do partido democrata (Liberal), composta de uma família antiga chamada Santa Rosa, ligada mais tarde a família Agra, esta gente considerou-se sempre donos da Aldêa e conservam ainda hoje forte antipathia com os que vieram de fóra, que são responsáveis pelos males da santa terra.<sup>61</sup>

E ainda continua, justificando que por essa visão retrógrada, os habitantes do Estado filiaram-se ao partido Conservador: “*Com estes precedentes, os moradores novos agruparam-se naturalmente em torno dos chefes Conservadores, e este Partido em Campina tornou-se por este facto, o partido progressista*”. (Correio de Campina, nº 6, 1913). O jornal ainda critica o partido Liberal por não auxiliar a população, mesmo tendo recebido auxílio do Governo Federal, utilizando essa verba para atender a interesses particulares. E assim, é feito um elogio à Lauritzen, que assumiu a chefia do partido Conservador em Campina Grande:

[...] Em 1904, aceitou o convite, porque o partido denominado naquele tempo – Authonomista – tinha deixado de existir como partido militante, e entrou para o Partido Republicano Federal em pleno acordo com seus chefes.

Mas apesar de não acceder a convites, nem solicitar favores, e apesar de soffrer processos inniquos para sí e seus amigos, nunca deixou de trabalhar para os melhoramentos de Campina.

Entrou em accordo com o superintendente da Great Western para este encarregar-se de obter a aprovação da construcção do prolongamento a Campina, ficando a parte dependente do Governo Federal a cargo do nosso chefe, e no cumprimento desse accordo teve de seguir para o Rio, onde por intermédio dos parahybanos de valor pôde cumprir o que promettera, sendo um dos fatores mais efficazes do prolongamento.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especializando em História pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL/UEPB) e mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

<sup>62</sup> Fundação Getúlio Vargas: FGV. Arquivo: Getúlio Vargas, Classificação: GV c 1929.09.18, Data: 18/09/1929. Qtd.de documentos: 1 (2fl.)





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Como visto, o gringo era colocado como um benfeitor para a cidade e sua figura, atrelada ao seu partido, continuaria buscando para si a tarefa de levar o progresso para Campina Grande.

A cidade passou por uma reestruturação intensa, tanto física quanto do pensamento, este posto parcialmente à prova quando Lauritzen, um dinamarquês assumiu a gestão pública municipal de Campina Grande, com o intuito maior de colocá-la nos trilhos do progresso. Não foi um caminho fácil, ele esbarrou com críticas, as mais ferozes vinham do seu maior adversário político, Irineo Joffily e sua *Gazeta do Sertão*. Referindo-se à Lauritzen pejorativamente como o *Gringo*. Hoje, o que nos fica é a noção contrária, de que esse estigma tornou-se algo positivo, sendo a característica que o particulariza, que o diferencia dos outros governantes do passado e do futuro de Campina Grande. Seu estrangeirismo ajudou a efetivar a noção de deslocamento do poder, do rural para o urbano, mas não um urbano qualquer, e sim um urbano peculiar, moderno e progressista.

Entendemos que o *Correio de Campina* não apenas como um mero meio de transmissão de notícias, mas também como uma forma de estratégia política do partido que Lauritzen fazia parte, ou seja, é a visão de apenas um dos lados da história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Giscard Farias. **Modernidade aos goles:** a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935. Recife: O Autor, 2008.

AGRA, Giscard Farias. **Quando a doença torna a vida um fardo:** a trajetória de Humberto de Campos (1928- 1934). Recife: O autor, 2014.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5º ed. São Paulo: Cortez, 2011.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. Campina Grande: Pedrosa. 1978.

ARANHA. Gervácio B. **Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925)**. Campina Grande, PB: EDUFPG, 2007.

BAUMAN. Zygmunt. **O Mal-estar da pós-modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro. J. Zahar Ed., 1998.

CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande – esboço histórico-social do povoado e da vila (1697 a 1864)**. 3 ed. Campina Grande, PB: Caravela, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3° ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

JOFFILY, José. **Entre a monarquia e a república: ideias e lutas de Irenêo Joffily**. Rio de Janeiro: Kosmos Editora, 1982

MOCELLIM. Allan. **A questão da identidade em Giddens e Bauman**. Revista Eletrônica dos pós graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 5.n. 1. (1). 2008

OLIVEIRA, Deuzimar Matias de. **Nas trilhas do cangaceiro Antonio Silvino: tensoes, conflitos e solidariedades na Paraíba (1897-1914)**. Campina Grande, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras In: MARTINS, Maria Helena. **Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2002.

